

**Resumo:** Nastácia Filíppovna é a heroína do romance *O idiota*, publicado por Dostoiévski entre 1868 e 1869. Nas últimas páginas desta obra de grande fôlego, quase quando já completamente enlouquecida, ela é assassinada pelo seu então recém-marido Parfen Rogójin, depois de ter oscilado, na parte final do romance, entre casar-se com ele e com o Príncipe Míchkin, o idiota que dá o nome ao título, protagonista do romance. Míchkin, o príncipe salvador bondoso, algo celestial, eterna-criança e, ao mesmo tempo, idiota no sentido médico do termo; com o qual, conforme suspeitam não poucos leitores, se a desventurada Nastácia tivesse escolhido casar-se teria sido salva do aniquilamento atroz, porque injusto e terrível. Quando, *factualmente*, na obra, a verdade é que ambos, assassino desvairado e príncipe idiota, terminam abraçados ao lado do corpo ainda fresco de uma Nastácia morta com uma única facada, precisa, embaixo do seio esquerdo, enquanto lia, com a camisola de núpcias, e portanto no coração. Que nas últimas linhas o assassino em delírio e aos berros seja afagado e consolado pelo príncipe em estado de idiotia irreversível é uma indistinção da duplicidade repleta de significado. Até porque Nastácia Filíppovna é representada no livro como encarnação da própria beleza e, portanto, como ideal – o que, em Dostoiévski, tem significado filosófico. Como de praxe entre os intelectuais russos da sua época, a estética hegeliana é referência central e, em especial, o seu conceito de ideal que designa a manifestação sensível do absoluto, quando o concreto e singular é capaz de expressar o abstrato e universal, o belo propriamente dito, que no plano do mundano e humano, transparece sob a forma do herói.

**Palavras-chave:** Nastácia Filíppovna; Dostoiévski; Hegel; Ideal; Herói; Mulher.

## JACQUES DERRIDA E MAURICE BLANCHOT: UMA AMIZADE FILOSÓFICA

Prof. Dr. Davi Andrade Pimentel<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe.

<sup>14</sup> Pós-doutorando em Tradução da Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa Faperj. Pós-doutor em Tradução pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: davi\_a\_pimentel@yahoo.com.br.

**Resumo:** A partir do texto “Maurice Blanchot est mort” [“Maurice Blanchot está morto”], presente no livro *Parages* [Paragens], de Jacques Derrida, pretende-se analisar os constituintes filosóficos e afetivos que serviram de base para a composição de uma amizade que excede o simples pacto intelectual entre Derrida e Blanchot. Nessa perspectiva, intenta-se também pontuar os movimentos afirmativos e negativos desta amizade, considerando que, após a morte de Blanchot, Derrida opera um movimento, digamos, de inversão negativa em relação ao amigo que se contrapõe ao movimento afirmativo dos livros derridianos que lhe foram dedicados, como: *Demeure: Maurice Blanchot* [Morada: Maurice Blanchot] e *Parages*<sup>15</sup>. 2 Se, por um lado, em *Adeus a Emmanuel Levinas*, Derrida nos apresenta uma homenagem à obra levinasiana de modo distanciado e imparcial; por outro lado, em relação a Blanchot, ainda que haja uma homenagem à obra blanchotiana, constata-se um modo demasiadamente aproximativo, magoado e, por vezes, colérico, que faz com que compreendamos que o trabalho de luto derridiano mal tinha se iniciado. “Maurice Blanchot est mort”, escrito poucos dias depois da perda do amigo, deixa entrever como a amizade e o pensamento filosófico podem dar origem a uma escrita teórico-filosófica que desvela a dor, a partida, o sentimento de solidão e o afeto que, quer se queira ou não, são deixados de lado em escritos de tal envergadura filosófica.

**Palavras-chave:** Jacques Derrida; Maurice Blanchot; Amizade; Filosofia.

## **GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI: PENSAR O PRESENTE COMO UMA URGÊNCIA POLÍTICA**

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim<sup>16</sup>

**Resumo:** A proposta é pensar com Deleuze e Guattari os fascismos no presente, como por exemplo, uma crítica ao moralismo e ao legalismo que inundaram as práticas políticas. A ideia é buscar interrogar os ódios e os ressentimentos movimentados na política e na estética do terror, atualizados hoje. Analisar a apropriação moral de relações e acontecimentos pelo uso estratégico de um jogo entre normas e leis operacionalizados por uma multiplicidade de

---

<sup>15</sup> O texto “Maurice Blanchot est mort” foi anexado somente após novas edições e reimpressões do livro *Parages*.

<sup>16</sup> Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia, do Mestrado Profissional em Filosofia e do Mestrado em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciências Humanas e Outros Sistemas de Pensamento/CNPq e Coordenador do Canal Agenciamentos Contemporâneos – [www.youtube.com/agenciamentos](http://www.youtube.com/agenciamentos).